

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO IV — N.º 177 — Domingo, 28 de Outubro de 1956

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e de comércio

Telefone 12

Depositário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

AVENÇA

Os que podem aos que precisam

UM CORTEJO de oferendas

A FAVOR DO NOSSO HOSPITAL VAI REALIZAR-SE NESTA VILA, NO PRÓXIMO DIA 18 DE NOVEMBRO

PARA quem se dá ao trabalho de percorrer diariamente o noticiário dos jornais, sem circunscrever esse interesse aos telegramas pouco mais ou menos «explosivos» sobre o que se passa nas margens do Nilo, do Jordão ou atrás da «Cortina», não é difícil dar-se conta do intenso movimento que, por todas as províncias de Portugal, está a esboçar-se activamente a favor da Assistência, umas vezes colaborando com a acção do Estado, outras vezes, o maior número, a favor de estabelecimentos assistenciais independentes. Encontram-se neste caso os constantes Cortejos de Oferendas a favor das Misericórdias, que a Imprensa regista dia a dia.

E vem a propósito perguntar: Há quanto tempo não se realiza, na nossa terra, um Cortejo de Oferendas (verdadeiramente digno desse nome) a favor do nosso Hospital? Que nos responda quem se lembrar.

JULIÃO QUINTINHA

Depois de uma larga permanência em Silves, retirou, há dias, para Lisboa, acompanhado de sua esposa, o ilustre escritor e jornalista, nosso comprouviciano e preado, amigo sr. Julião Quintinha.

Um grupo de amigos e admiradores daquele brilhante homem de letras promoveu-lhe, na véspera da partida, uma expressiva homenagem, que teve lugar em sua casa e bem demonstra o carinho e o apreço com que os algarvios distinguem, muito justamente, quem tanto tem prestigiado, nas letras e no jornalismo, a província que se orgulha de poder incluí-lo entre os seus filhos mais notáveis — e, também, mais dedicados.

RELAÇÕES

LUSO-ITALIANAS

O GOVERNO Português e o Governo da República Italiana, considerando a importância crescente das relações de amizade e mútua compreensão felizmente existentes entre os dois países, decidiram elevar as suas Legações em Lisboa e Roma ao nível de Embaixadas.

Esta notícia encerra um alto significado, pois vem confirmar, através das chancelarias, os estreitos laços de estima, os íntimos culturais e os interesses comuns que unem Portugal e a Itália.

Ambos países latinos, encarnam — um, a Itália — a tradicional cultura europeia que Roma soube plasmar, através dos séculos, na ordem jurídica, no culto das letras e das artes, na multiforme actividade do povo italiano; e outro — Portugal — a expansão e defesa desses valores através de todos os continentes, enriquecendo extraordinariamente o património ocidental.

Por isso, a elevação das legações de Lisboa e Roma à categoria de Embaixadas confirma um sentimento histórico e traduz o propósito de as duas nações continuarem a sua missão latina, ocidental e cristã.

No entanto, o nosso Hospital carece de amparo, do amparo e ajuda de nós todos, pois todos nós, afinal, temos o indeclinável dever moral de contribuir, na medida das possibilidades de cada um, para a manutenção do que é, desde há muitos anos, a mais importante obra de Assistência da nossa terra e a que mais valiosos serviços presta.

Supomos que ninguém há que não reconheça esta verdade, embora poucos, pouquíssimos, mesmo, lhe tenham dado a ajuda de que ela carece. E como demonstração do que dizemos, poderíamos citar o número de irmãos que presentemente tem a Misericórdia e o total da sua quotização. Não cremos, todavia, que daí resultasse sombra de prestígio para o espírito de solidariedade da nossa terra — e preferimos guardar silêncio sobre tão melindroso assunto.

Em vez disso, tornamos público — o que fazemos com muitíssimo maior prazer — que Vila Real de Santo António vai, finalmente, seguir o exemplo de tantas outras terras do País, organizando um Cortejo de Oferendas a favor da Misericórdia local, que, segundo nos informam, se reali-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)



VISTA PARCIAL DE S. BARTOLOMEU DE MESSINES

UM "JARDIM-ESCOLA" NA TERRA DE JOÃO DE DEUS?

A CASA do Algarve, prestigioso organismo — a quem o Regionalismo da nossa província deve inestimáveis e relevantes serviços, acaba de tomar uma iniciativa — conforme notícia que noutro local publicamos — destinada a concretizar um antigo desejo dos algarvios, um Jardim-Escola na terra natal do suave Poeta das flores e das crianças.

De facto, bastante já se tem falado e escrito a res-

peito de um Jardim-Escola no Algarve, mas nunca, que saibamos, se tinha tentado dar corpo a essa aspiração que, embora muito sincera, até agora se tinha mostrado vaga e imprecisa — como, aliás, tantas outras aspirações algarvias, limitadas a vagos artigos de jornal, gritos isolados num imenso deserto de desinteresse e indiferença..., ou ainda mais vagas conversas de entusiastas de momento...

Quis a nossa dedicada agremiação regional em Lisboa — honra lhe seja — juntar à sua já notabilíssima folha de serviços mais este, tendente a satisfazer uma reivindicação que se nos afigura justíssima, sob todos os aspectos. Um contributo, e altamente valioso, pode desde já assinalar-se: o oferecimento da distinta arquitecta, nossa comprouvicianiana, sr.ª D. Maria José Estanco, para a execução gratuita do referido projecto. Que a Casa do Algarve encontre junto da Associação dos Jardins-Escolas João de Deus, e das restantes entidades de quem o assunto depende, a mesma compreensão e decidida boa vontade, são os nossos melhores desejos — para que o berço natal do grande pedagogo e admirável lírico do «Campo de Flores» possa oferecer às crianças deste Algarve, que ele tanto amou, um novo «campo» propício ao seu desabrochar.

Porém, como a Revista é anual, e o teor da dita comunicação transcendeu do ambiente acadé-

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

NOVO ALARME SOBRE SAGRES

O ALARME sobre Sagres que, em boa hora, lancei no «Diário Popular», depois de ter encontrado eco espontâneo e imediato no «Correio do Sul», não deixou de o ter também no interessante semanário «Flama» (n.º 448, de 5 de Outubro corrente), ao qual eu entendi endereçar as merecidas felicitações pela publicação da gravura esclarecedora do desenho do tempo do almirante Drake, com a reprodução do projecto do arquitecto Cassiano Branco quanto à restauração adequada das velhas construções semi-arruinadas que se deparam em Sagres e que no projecto do arquitecto João Andresen esta-

Pelo DR. FRANCISCO FERNANDES LOPES

riam (e precisamente na parte mais importante), condenadas à demolição... Felizmente que o alarme a tempo terá impedido este vendalismo erudito (conforme eu o classificara), dado o facto da disposição acolhedora que o sr. arquitecto Andresen confessou e me repetiu agora, em resposta à carta que, para terminar a troca epistolar surgida em público, eu me vi forçado a endereçar-lhe, (pois parece que se extraviou a resposta em que eu no jornal encerrava o pequeno debate com honra para... todas as partes, inclusive as atingidas por tabela...)

O resto... seria silêncio, se todavia alguém não vem chamar a minha atenção para outra... calamidade: um artigo apreciado no recente n.º 9 da «Revista e Boletim da Academia Nacional de Belas Artes», constando de uma «comunicação lida na sessão de 17-2-55» pelo sr. arquitecto José Cortez aos seus preados confrades da douta Academia, da qual, como se sabe, é presidente o ilustre dr. Reynaldo dos Santos, meu velho colega e muito querido amigo.

Participando-lhe o meu espanto pelo teor da dita comunicação e perguntando-lhe, com bom-humor, se seria necessário ir eu ler ao mesmo público académico a comunicação que se me oferece-

ria opor-lhe, alvitrou o dr. Reynaldo enviar-lhe eu esse conteúdo da minha lavra, que, com a possível réplica do sr. arquitecto Cortez, seria publicado no próximo número da dita Revista, liquidando-se o caso assim; o que eu, no melhor grado, aceitei, enviando a seguir a carta aberta que na devida oportunidade se verá e que visava a elucidar propriamente os mesmos «prezados confrades».

Porém, como a Revista é anual, e o teor da dita comunicação transcendeu do ambiente acadé-

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

PELA VILA

Aplique-se a postura!

Em número anterior deste semanário, regozijámo-nos com a saída da postura municipal que visa defender a população local contra os ruídos incómodos e desnecessários que afectam o sossego público. Tal epidemia de barulho era produzida por certos propagandistas sonoros, por radiófilos abusadores da tranquilidade alheia e que à força nos querem impingir as suas preferências musicais, por desenfreados e explosivos ciclomotoristas, e até por cantores (?) noctívagos, depois de intemperantes libações.

A tolerância concedida por ocasião da feira já deveria haver terminado, o que, afinal, parece não ter

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

NOVO SECRETÁRIO de Finanças

Encontra-se já nesta vila o sr. António do Carmo Ramos, novo chefe da Secção de Finanças deste concelho, onde assumiu as suas funções, no dia 6 do corrente.

A VIDA EXTERNA

DIA DE TODOS OS SANTOS

POR NATÉRCIA ALGARVE

NESTE dia, por circunstâncias várias, vêm-nos à mente transe mais ou menos emotivos. E é recordando-os que senti algo para escrever nesta pequena crónica.

Tudo o que a Vida em si contém de emocionante é, em certos dias, que mais se fixam e nos provocam sensações, variáveis ou transitórias.

Nesse dia, há em todos nós qualquer sombra que

nos acompanha e nos delicia lembrar.

Dia de Todos os Santos. Há na gente do povo e há, afinal, em todas as categorias um movimento desusado, humano, piedoso. Irmanados pelo mesmo sentimento, católico e meditando, as famílias concentram-se e pensam...

Recordar é viver — dizem — e, quantas vezes, é sofrer! Do mesmo barro de que

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Conta Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

Despertar

O despertar da consciência... Para mim, o mais belo momento da viagem humana. Ao longo dos dias e dos meses e dos anos, um sono pesado, tumular, abafou o nosso coração, a nossa inteligência. Abafou? Não. Pareceu abafar. Havia os mil e um divertimentos — o jazz, o cinema, os passeios, as montras, um vestido bonito; havia a encarniçada luta pela vida; havia o morrer cada hora dos nossos dias, um a um... Imagina-vos a fazer «tricot» com um peso de dez quilos em cada dedo... Vagamente a impressão de que «viver não é isto». Vagamente. Mas já querer caminhar, vislumbrar horizontes. Depois, uma ideia súbita: de que material é feita a parede para além da qual julgamos que um Sol nos aguarda? E, finalmente, a certeza de que a parede não pode mais que os nossos braços... E' simplesmente maravilhoso. Uma força cósmica solicita-nos e embriaga-nos.

Agora estou a pensar

Agora estou eu a pensar na importância que certas pessoas tiram do seu cargo. Incham. Maltratam os outros. Não por elas, mas pelos cargos que representam. Maltratam os outros? Bem, maltratam os subal-

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

ESPECTÁCULOS DE ÓPERA

EM FARO?

Pensa-se organizar brevemente, na capital da nossa província, uma série de 2 espectáculos de ópera, organizados pela benemérita Casa dos Rapazes, de Faro, e promovidos pela Juventude Musical Portuguesa, com os coros do Teatro de S. Carlos e a Orquestra Sinfónica da E. N. sob a regência do maestro Frederico de Freitas.

As óperas a representar devem ser a «Cavalaria Rusticana», de Mascagni, e a «Traviata», de Verdi, com um total de 120 figuras nas representações.

Ojalá se concretize tal iniciativa, deveras interessante para o meio cultural algarvio e donde resultaria apreciável benefício para a simpática obra assistencial da Casa dos Rapazes.

A EVOLUÇÃO DO CORPORATIVISMO E A SUA ESTRUTURAÇÃO

O MINISTRO das Corporações e Previdência Social, um dos mais jovens e operosos membros do Governo português, esteve, há dias, nalgumas localidades do Norte a proceder à inauguração oficial

de importantes melhoramentos que pertencem à actividade do sector governamental que dirige. Presidindo a solenes actos inaugurais de que a significação política e social não estava, de modo algum, arredada, o sr. dr. Veiga de Macedo não perdeu, como nunca perde, o ensejo de se pronunciar acerca daquela actividade e de emitir opiniões autorizadas pelas altas funções que desempenha na administração pública. E' sempre um gosto ouvir o actual ministro das Corporações e Previdência Social — e, mais do que um gosto, é sempre uma lição que se colhe da sua palavra clara, incisiva, desassombrada. Quando fala — e só fala quando o seu múnus oficial a isso o obriga —, o sr. dr. Veiga de Macedo diz sempre muito, ainda que os seus discursos sejam curtos, ainda que levem pouco tempo a proferir. Inteligência extraordinária, dotada para o trato com a coisa pública,

a do actual ministro das Corporações e Previdência Social, cedo o apontou como um dos mais valiosos colaboradores de Salazar, que sabia bem o que fazia quando o nomeou para os suces-

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

MELHORAMENTOS LOCAIS

PARQUE DE ESTACIONAMENTO

Por mais de uma vez focámos, nestas colunas, a necessidade instantânea da construção dum parque de estacionamento destinado a viaturas, melhoramento cuja falta muito se fazia sentir na vila, juntamente com a regularização do trânsito.

Indo ao encontro desta aspiração local, cujas vantagens reconheceu, a Junta Autónoma dos Portos de Sotavento do Algarve já iniciou as obras de construção dum Parque de estacionamento, junto ao edifício da Estação-cais da fronteira, na Avenida, a jusante do arco de acesso. Os terrenos adjacentes estão a ser nivela-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Com pouca demora, esteve nesta vila o nosso prezado amigo e assinante sr. João Gonçalves Conceição, residente em Tunes, onde chefia a estação da C. P.

Partiu para Lisboa a sr.ª D. Maria das Dores Gutierrez Medeiros, esposa do nosso prezado amigo sr. dr. João Domingues Medeiros.

Regressou da sua estadia em Londres, aonde foi completar os seus estudos, o nosso conterrâneo sr. Miguel António Socorro Domingues, filho do nosso prezado amigo e assinante sr. Manuel da Silva Domingues.

Com pouca demora, estiveram em Lisboa, tendo já regressado a esta vila, os nossos prezados assinantes e amigos srs. Ismael Rafael Pacheco e Manuel Fernandes Ribeiro.

Encontra-se entre nós o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. Hugo Celorico Drago, residente em Lisboa.

Partiu para Lisboa, aonde foi consultar a medicina, a sr.ª D. Maria Isabel Alves Peres, acompanhada de sua filha Maria de Lourdes Alves Peres.

Tivemos o prazer de cumprimentar, na nossa Redacção, o nosso prezado assinante sr. António Hermenegildo, residente em Faro.

Tendo passado a sua época de Verão nesta vila, regressou à sua casa em Lisboa, acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Irene dos Santos Travassos, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. capitão Joaquim Guilherme Travassos.

Regressou a Lisboa, depois de ter passado a época de Verão em Tavira, o nosso prezado assinante sr. António Pedro de Brito Aboim Villa-Lobos.

Esteve nesta vila, com pouca demora, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. capitão António dos Santos Gonçalves, residente em Oeiras.

Encontra-se em Lisboa, aonde vai cursar na Escola do Exército, o nosso conterrâneo sr. Manuel João Carança Cipriano, filho do nosso prezado assinante sr. Manuel Cipriano, conceituado comerciante nesta vila.

ÓCULOS GRADUADOS

Encarrega-se de toda e qualquer receita médica a

PAPELARIA CENTRAL

Praça Marquês de Pombal
Vila Real de Santo António

Assina e propaga "Notícias do Algarve"

PELA VILA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ainda sucedido, pois continuamos a verificar os excessos de antes, nalguns locais e a certas horas, que não especificamos por não nos competirem atribuições policiais. Portanto, se o respeito pelo sossego do próximo continua a primar pela ausência em determinados amadores de «batuque», terá de ser a fiscalização repressiva a impor-lho, a fim de que não se torne letra morta a louvável intenção do edital, e não tenhamos deitado foguetes antes da festa...

Um «Disco Voador»?

Na passada quarta-feira, pairou sobre esta região, a grande altitude, um objecto de natureza indeterminada, aparentando forma esférica e colorido de branco, vermelho e azul, segundo dizem algumas pessoas que puderam observá-lo por meio de binóculos.

Depois de estar visível no céu desde as 10 horas até cerca das 14 horas, sempre na direcção Poente-Nascente e brilhando intensamente pelo reflexo solar sobre a superfície metálica, o tal «objecto voador» desapareceu no espaço, sobre o céu de Aiamonte.

O estranho fenómeno, nunca observado aqui antes, deu causa a variados comentários da população

ESCLARECIMENTO NECESSÁRIO

Fernando Moraes Rodrigues vem declarar, espontaneamente, que a notícia publicada no «Diário Popular» de 25 de Outubro corrente (pág. 8), sob o título «Dois presos saíram todas as noites da Cadeia para roubar...» «não é da sua responsabilidade, pois foi alterada pela Redacção, que acrescentou a frase: «...todas as noites, AO QUE PARECE COM A CUMPLICIDADE DO CARCEREIRO», quando se tinha informado justamente o contrário, como pode provar-se com testemunhas que, ocasionalmente, assistiram ao telefonema noticioso.

BEM-FAZER

Para um estudante pobre, solicita-se e agradece-se a quem possa dispensar os livros do 1.º ano liceal, que já não se encontram à venda. Podem ser entregues na nossa Redacção.

pombalina, havendo quem sugerisse tratar-se dum balão-sonda dos serviços meteorológicos militares, enquanto outros afirmavam que tinha vindo do Atlântico, com passagem por Lagos, talvez proveniente da América. Só faltou quem aludisse a uma visita de marcianos, mas haveria certamente o receio de tornar-se alvo das troças dos outros «observadores» mais cépticos ou melhor documentados.

O que, pelo menos, não faltou foi assunto para conversa mais ou menos fiada...

Vaga de assaltos à americana...

Ultimamente, desde a feira, tem vindo a nossa vila a conhecer uma espécie de praga felizmente bastante rara entre nós. Trata-se dos assaltos a vários estabelecimentos comerciais, de que foram vítimas o café-restaurante «Janelas Verdes», a mercearia da Viuva de Fabricio Matias e a taberna do sr. António Águas Vargas. Os meliantes introduziam-se nos locais por escalamiento, tendo roubado artigos comestíveis roupas, tabaco, dinheiro, etc., num total aproximado a 6 mil escudos.

Entregue o caso à investigação da P. S. P., o chefe do posto local, sr. José Viagas dos Santos, tomou especiais precauções de vigilância, as quais obtiveram resultado, visto os gatunos terem sido finalmente apanhados, na madrugada de quinta-feira transacta, quando se dispunham a assaltar o estabelecimento do sr. José Bento de Sousa & Filho. Os guardas captores, os civicos n.ºs 92 e 120, respectivamente, srs. Manuel Rodrigues Amado, e José Rodrigues, tiveram a enorme surpresa de verificar que os presos, tais como as pescadas, já o eram antes de o ser, (e também por furtos anteriores) pois saíam da cadeia desta vila, noite alta, para cometerem os furtos, voltando depois à prisão, muito tranquilamente.

São eles: Joaquim Gilato, solteiro, de 21 anos, natural de Tavira e aqui residente, e José António das Neves Leal (o Zé das Moças), solteiro, de 28 anos, natural desta freguesia, onde reside. Ambos foram já novamente entregues ao poder judicial, sendo muito louvada a proficiente actualização da P. S. P., tendente a livrar a terra desta fauna indesejável.

Em FARO, adquira o «Notícias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67.



PROVINCIA

TAVIRA

Guerra às moscas

Depois da feira de S. Francisco, ficou a cidade enxameada de moscas, insectos repelentes e aborrecidos. Não há maneira de nos livrarmos desta «praga». A propósito de moscas, lemos que a Sociedade de Educação Social, de S. João do Estoril, declarou guerra sem tréguas às moscas da Costa do Sol e que em Surekarta (Java Central) as respectivas autoridades organizaram um concurso de caça às moscas, mosquitos e ratos da cidade, tendo em vista ensinar às crianças a sabermos cuidar da sua saúde. Mais de 6 000 crianças tomaram parte na campanha, apresentando, no final, 197.652 moscas, 31.350 mosquitos e 1.194 ratos.

Por aqui, nada nos consta que se tenha feito para desaparecerem as moscas.

A manteiga... fugiu

No passado Domingo, trouxeram os jornais da Capital a notícia de que a manteiga iria aumentar 5 escudos em quilo. Foi o bastante para que desaparecesse rapidamente das

CONTA GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ternos. Perante os superiores amesquinham-se, gaguejam, tremem-lhes as pernas, desintegram-se. Por elas próprias? Não. Pelo cargo que representam. Porque, no fundo, elas não existem sem o cargo. São o cargo. Se lho retirarmos, esbracejam no chão. Penso na frase de um autor do século passado: «A humilhação a que sujeitamos os outros é o preço da nossa própria humilhação.» Os cargos humilham-se diante uns dos outros. O pior é que uma sujeição abstracta provoca sujeições concretas. As pessoas são destruídas pelos modos de relação.

Ou, melhor dizendo...

Isto vem a propósito do C., tão modesto, tão simpático ele era! Uma jóia. No corredor da Faculdade, juntava meio mundo à sua volta. Quando o encontrávamos, na rua, ele vinha longe e as mãos já se estendiam. As mãos — e o sorriso. Tempos... Ninguém agora o reconhece. Até automóvel à disposição, e tudo. Até continuou às ordens. E' qualquer coisa, não sei o quê, numa companhia importante. Administrador, parece. Quando encontra algum dos antigos conhecidos, leva, cerimoniosamente, o indicador e o médio à aba do chapéu. Em que profunda cisterna terá ele enterrado o velho sorriso? Ou, melhor dizendo, em que profunda cisterna não se terá ele próprio enterrado?

Binómio

O horror da guerra, está certo. Mas, para conquistar a felicidade, é preciso que dêem as mãos o horror da guerra e o amor à paz.

Com quantas letras se escreve

O padre T. I Garanto que não vou esquecer mais esta figura de gigante; alto, levemente corcovado, com umas farrinhas grisalhas cercando-lhe a cabeça como uma auréola. Na cara bochechuda, uns olhos minúsculos, de aros finos. E, por detrás dos olhos, os bugalhos miúdos e rápidos, a contrastar com a lentidão do corpo rodando na estrada erva de Monfortinho.

— Digo-lhe, minha senhora, digo-lhe que não sabe o que é miséria. Aflanco-lhe que não sabe com quantas letras se escreve essa palavra. E' preciso vir aqui, à Beira-Baixa, para aprender bem o sentido dela.

— Mas a terra não dá?
— Dar, dá. Cereal, azeite, mel com fartura... Mas o espírito cristão ainda não entrou profundamente em certas almas. Alguns ainda não se convenceram de que «todos somos membros uns dos outros.» Não se convenceram de que nenhum monstro é mais abominável do que o homem feliz no meio de homens infelizes...

O padre T., pobre numa paróquia pobre. Não vou esquecer mais este rosto macilento, franzido-se, oscilando num gesto de reprovação. Não vou esquecer mais aquelas palavras: «nenhum monstro é mais abominável...»

Maria Manuela Nunes

mercearias este saboroso produto. Entretanto, sabemos que a partir de 1 de Novembro vai baixar o preço do arroz, mas certamente que este produto não desaparece.

Estas coisas devem ter uma explicação, mas para nós tornam-se inexplicáveis. Ninguém, porém, estaria mais apto a esclarecer isto do que a fiscalização.

Liberdade nos passarinhos...

Lemos, num jornal de Lisboa, que a Sociedade Portuguesa de Ciência Veterinária resolveu, e muito bem, exercer aturada vigilância para impedir o espectáculo desolador e desumano do extermínio de aves de pequeno porte, sem distinção de espécie, e que são capturadas por meios ilícitos.

Assim, uma brigada de fiscalização, constituída por agentes da polícia e um médico-veterinário, fará a apreensão de todos os passarinhos que se encontrem em estado de serem cozinhados e que estejam à venda nas tabernas, casas de pasto e restaurantes, sendo levantados autos de transgressão aos proprietários destes estabelecimentos.

Por aqui também se dedica a esse «desporto» muita gente, e bom seria igualmente que essas medidas chegassem a Tavira, junto com a outra dos tiros aos pombos. — E.

ODELEITE

Falecimentos

No dia 23 do corrente, faleceu súbitamente o sr. Simão Estêvão, de 55 anos de idade, soldado da G. N. R.

Deixa viuva a sr.ª D. Sebastiana Maria e era pai de numerosa prole, contando-se entre os mais velhos os srs. António Simão Estêvão, Francisco Simão Estêvão, Simão Cavaco Estêvão, José Cavaco Estêvão e D. Laura Maria Estêvão.

E extinto, que era membro da direcção da Casa do Povo, foi sempre dotado de uma integridade de carácter pouco vulgar. De trato afável, contava inúmeras e sinceras amizades. O seu funeral, que foi muito concorrido, realizou-se no dia seguinte ao da sua morte.

À família enlutada, apresentamos a expressão do nosso sentido pesar.

Também em 23 do corrente, faleceu no monte da Portela Alta, desta freguesia, com 82 anos, o sr. Domingos Belchior, viuvo, natural da Tenência.

Era pai da sr.ª D. Isabel Justina e de D. Maria Justina Guerreiro e sogro do nosso prezado amigo e assinante sr. António Joaquim Guerreiro, guarda fiscal, residente em Vila Real de Santo António.

Notícia Pessoal

Acompanhado de sua esposa e filha, já retirou para Lisboa o sr. dr. António Joaquim de Almeida, depois de termos o prazer do seu convívio por alguns dias.

Cemitério Paroquial

A fim de evitar contratempos como os que se têm registado, não há ainda muito tempo, no Cemitério Paroquial, quando se procura identificar as campas funerárias, era conveniente que as sepulturas fossem devidamente numeradas, apresentando as respectivas inscrições em tabletas de metal, pedra, ou mesmo de madeira, como é de uso algarves, e se impõe.

Em virtude desta deficiência, já sucedeu que pessoas de família não conseguissem encontrar a jazida do seu ente querido, e até (coisa pior) que estivesse a ponto de dar-se a troca dum corpo que devia ser autopsiado, erro que só se desfez devido ao cuidado do defunto.

Pedem-se providências à Junta de Freguesia. — E.

CINE-FOZ

Hoje, apresenta o grandioso filme em cinemascopo, ANTES DO FURACÃO, com Van Heflin, Aldo Ray, Mona Freeman, Tab Hunter e Raymond Massey.

Esta é a história dos apaixonados amores e das intensas ansiedades da juventude desesperada.

Ação contínua e excitante. Inolvidáveis aventuras românticas. (Espectáculo para maiores de 18 anos).

Terça-feira, 30, leva à cena o sensacional filme AVENTURAS DE MARCO POLO, com Gary Cooper, Sigfried Gurie e Basil Rathbone.

Com o seu encanto ocidental e a força temerária da sua astúcia, Marco Polo fez-se amar e levou a paz ao oriente.

A mais fantástica aventura que um homem pôde viver nos estranhos confins do Oriente. (Espectáculo para maiores de 15 anos).

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA

de Vila Real de Santo António
De 20 a 26 de Outubro:

TRAINEIRAS

Flor do Guadiana	91.040\$00
Tozé	55.925\$00
Brisa	55.655\$00
Flor do Sul	51.460\$00
Liberta	42.180\$00
Conceicanita	40.675\$00
Audaz	27.010\$00
Infante	23.090\$00
Janita	21.380\$00
Maria Rosa	6.955\$00
Noroeste	905\$00
Total	416.275\$00

CERCO

Amazona	50.725\$00
---------	------------

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António

De 20 a 26 de Outubro:

Entrados:

MADIRENSE, Português, de 497 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
MEDELA, Holandês, de 500 ton., de Toulon, vazio.
COSTEIRO, Português, de 630 ton., de Lisboa, com adubos.
STARLING, Inglês, de 1.356 ton., de Cádiz, com carga em trânsito.
MADALENA, Português, de 1.299 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.
SONECK, Alemão, de 1.299 ton., de Sevilha, com carga em trânsito.

Saídos:

GOLFINHO, Rebocador Português, e Batelão «Parade», para o Porto, com enxofre.
MADIRENSE, Português, para o Funchal, com sal.
MEDELA, Holandês, para Cork, com minério.
MADALENA, Português, para o Funchal, com sal.
STARLING, Inglês, para Bristol e Dublin, com conservas e figos.
ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério.
COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.
SONECK, Alemão, para Hamburgo e Roterdão, com cortiça e conservas.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 27 de Outubro a 2 de Novembro, a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda - Telefone 64.

JAZZ

Vende-se, completo para Orquestra, em estado de novo.

Dirigir ao Conjunto Musical «Tá-Mar» — Av. da República, 80 — Vila Real de Santo António.

HABITAÇÃO

Precisa-se, nesta vila ou em Monte Gordo. Resposta a este jornal.

O «Notícias do Algarve» torna o Algarve maior, fazendo-o chegar a toda a parte. Faça com que o Algarve chegue cada vez mais longe, conseguindo um novo assinante.

A ILUSTRADORA LIMITADA

Rua de S. Paulo 232 LISBOA

TELEF. 25764

FOTO-ZINCO
TRICROMIA
FOTOGRAVURA
ZINCO-GRVURA
E
DESENHO

TIPOGRAFIA SOCORRO

FUNDADA EM 1891

FÁBRICA DE CARIMBOS

65 ANOS

AO SERVIÇO DO COMÉRCIO E DA INDÚSTRIA

GARANTEM A PERFEIÇÃO DOS NOSSOS SERVIÇOS GRÁFICOS

JORNALS • REVISTAS • LIVROS • RELATÓRIOS • ESTATUTOS • CARTAZES • ENVELOPES • CARTAS COMERCIAIS • CIRCULARES • FACTURAS MEMORANDUNS • RECIBOS • CARTÕES DE VISITA • ENCADERNAÇÕES

TODOS OS IMPRESSOS PARA O COMÉRCIO E INDÚSTRIA

TELEFONE 59

APARTADO 3

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

A EVOLUÇÃO DO CORPORATIVISMO E A SUA ESTRUTURAÇÃO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

sivos cargos de vulto que tem ocupado ao serviço do Estado.

Nas várias obras de carácter social que, há dias, inaugurou, o sr. dr. Veiga de Macedo teve o ensejo de, uma vez mais, se fazer ouvir, fazendo ouvir, assim, a voz do bom senso e da boa vontade que o timbram e lhe assinalam a acção de chefe de um dos nossos mais consideráveis departamentos governamentais, aquele mesmo, lícito é dizê-lo, que mais de perto se relaciona e prende com a nova estrutura social da Nação. Em Paços de Brandão, Matosinhos, Vizela e Braga, o ministro das Corporações e Previdência Social pôs em movimento novas peças da engrenagem corporativa, com esses melhoramentos inaugurados, solenizando a passagem do vigésimo-terceiro aniversário da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional. Em Paços de Brandão, inauguraram-se um salão recreativo e uma biblioteca, instalados na sede do Sindicato Nacional dos Operários Manufactores de Papel e Offícios Correlativos.

Em Matosinhos, inauguraram-se cinquenta novas moradias para pescadores, assim como um posto médico em Angeiras. Em Vizela, inaugurou-se uma Casa do Povo. Por último, em Braga, inaugurou-se a Casa do Povo de Mire de Tibães. Todos estes melhoramentos são, sem dúvida, de monta, mas os mais dignos de registo são, por certo, os que respeitam à vila e ao concelho de Matosinhos. Por isso, a imprensa diária do Porto e Lisboa lhes consagrou especiais referências, salientando a importância de que se revestem para as populações que passam a servir. Nada mais certo.

Falando em Paços de Brandão, o sr. dr. Veiga de Macedo disse, por exemplo: «Esta festa a que, em peso, se associa uma das mais importantes localidades do Norte do distrito de Aveiro constitui, na verdade, testemunho eloquente de que o povo da minha terra confia no Governo e na doutrina que inspira e anima a sua política social. Só para tomar contacto com tão consoladora realidade, valeria a pena ter vindo aqui». Em Matosinhos, onde os actos inaugurais adquiriram especial relevo, o ministro das Corporações e Previdência Social disse que a inauguração de mais cinquenta casas para pescadores se efectuava num momento particularmente fecundo da acção do seu Ministério e da organização corporativa, tendendo a debelar a grave crise da habitação. «O que está a fazer-se não mereceu ainda da parte de muitos a justiça que tem sido prestada a outros esforços. A verdade, porém, é que a obra que está a erguer-se não deixa de constituir uma grande e consoladora realidade pelo facto de nem todos a conhecerem ou reconhecerem». Mas o que nos apraz, sobretudo, salienta, do discurso do ilustre membro do Governo, é esta elucidativa informação nele contida: «Basta referir que, em matéria de habitação económica, estão em construção, ou em vésperas de construção, na região do Porto, com investimento de capitais da

previdência social, cerca de mil, quinhentas e cinquenta casas de renda resolúvel, no valor de cento e vinte mil contos, e económicas, em regime de propriedade, quinhentas casas de renda económica, no montante de quarenta e cinco mil contos.

Quer dizer: só no Porto, e sem contar com o natural e previsto desenvolvimento dos actuais programas, a previdência social está a investir cento e sessenta e cinco mil contos para fornecer, em curto espaço de tempo, mais de duas mil moradias aos trabalhadores». Afirmarções como esta dispensam comentários, tão manifesta é a importância que assumem.

Importa, também, salientar o que o sr. dr. Veiga de Macedo disse acerca da obra levada a cabo pela organização corporativa e pela previdência na acção médico-social. Segundo aquele membro do Governo, não é possível encontrar, nesse domínio, outra obra qualquer que, de perto ou de longe, se lhe possa comparar, em extensão e eficiência, não obstante se reconhecer que muitos esforços há ainda a desenvolver no sentido da sua expansão e do seu aperfeiçoamento.

A propósito da inauguração do posto médico de Angeiras, disse que, se não fosse a organização corporativa, os trabalhadores do mar e suas famílias não teriam, por certo, assistência clínica e medicamentosa de que, actualmente, dispõem e que, dia a dia, se vai ampliando. Discursando em Angeiras, na inauguração do posto clínico a que, atrás, aludimos, o sr. dr. Veiga de Macedo disse que, no ano próximo, vão ser ali construídas algumas casas de renda económica destinadas à classe piscatória.

Foram, também, dignas de especial ponderação as palavras proferidas pelo ministro das Corporações e Previdência Social em Vizela e Mire de Tibães. Nesta povoação do concelho de Braga, onde o acto inaugural se revestiu de acentuada grandiosidade, aquele membro do Governo disse que certas pessoas, agarradas às suas ilusões, deveriam presenciar acontecimentos como aquele que se estava a viver, «para se convencerem de que a Revolução não pára na sua marcha e vai prosseguindo, mais viva e mais segura, na execução dos seus vastos programas de recuperação nacional». Estas palavras merecem a nossa plena concordância. *Res, non verba*, dizia o latino. Com ele, diremos, também: Obras, e não palavras. Estas, porém, justificam-se e, até, se impõem, quando seja mister chamar a atenção dos homens para aquelas, como no caso que motivou estas considerações.

A. de Freitas

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



DESPORTO

BASQUETEBOL

TORNEIO DE ABERTURA

Disputou-se, na passada quarta-feira, dia 24, a jornada de propaganda levada a efeito pela Associação de Basquetebol de Faro, no Parque de Instrução dos B. Voluntários, cujos desafios tiveram os seguintes resultados:

«Os Olhanenses», 76 — Misto, 46
Arbitros: Gilberto Ferreira e Alfredo Martins.

«Os Olhanenses»: Serrano (18), Vinhas (14), Serro (2), Hernâni (20), Rui (2), Cunha (6), Leal Branco (7) e Amaro (7).

Misto: Evangelista (4), Casaca (2), Brito (8), Flávio (23), Pinto (7) e Marmota (2).

A equipa dos Olhanenses foi nitidamente superior desde o princípio ao fim do jogo, e por conseguinte o resultado está de harmonia com o domínio desfrutado.

O misto, no entanto, também era formado por bons jogadores, que deram réplica condigna durante toda a partida, porém mais não podiam fazer frente a tão forte adversário, na verdade superior às suas forças.

Foi, portanto, lógica e certíssima a vitória dos rapazes de Olhão, que tiveram os seus melhores jogadores em Hernâni, Serrano e Vinhas, qualquer deles bons encastadores; no misto, sobressai o trabalho de Flávio, Brito e Pinto.

A arbitragem actuou a contento.

Lusitano, 41 — «Bonjoanenses», 57
Arbitros: Gilberto Ferreira e Alfredo Martins.

Lusitano: Gavino (5), Salas (2), Andrade (6), Branco (18), Ângelo (6), Jara (4), J. Armando e Graça.

«Bonjoanenses»: Oliveira (2), Alcino (20), Brito (14), Dias (1), Jesuino (6), Filipe, Bernardino (6) e Ferreira (6).

A vitória dos Bonjoanenses foi justa e certa, dando todavia os rapazes do Lusitano réplica segura e condigna durante toda a partida.

Nesta sua primeira apresentação nesta vila, os Bonjoanenses demonstraram possuir uma boa equipa, na qual se nota, no entanto, a falta do seu melhor jogador, Patrício.

Não deslustra, pois, o resultado alcançado pelos lusitanistas, antes os incita a prosseguir, pois poderão, com um pouco mais de conjunto e melhores lançamentos ao cesto, fazer a vida dura a muitos adversários.

Foi, pois, interessante de seguir este despique travado entre o Lusitano e os Bonjoanenses, chegando mesmo a entusiasmar a assistência, em certas jogadas bem urdidas e finalizadas da melhor maneira.

Nos Bonjoanenses, todos os jogadores realizaram boa partida, sendo no entanto justo distinguir os dois melhores marcadores da equipa, Alcino e Brito; no Lusitano, não há nomes a salientar.

O trabalho dos árbitros agradou.

Campeonato Distrital

Começa a disputar-se hoje o Campeonato Distrital de Basquetebol, ao qual concorrem sete equipas, a saber: «Os Olhanenses», Ginásio, Olhanense, S. L. e Faro, Farense, Bonjoanense e Lusitano.

Na primeira jornada, o Lusitano defronta o Bonjoanense, nesta vila, no Parque de Instrução dos B. Voluntários, pelas 10,30 horas.

Espera-se grande afluência de público, para incitar a equipa lusitanista.

S. Salas

FUTEBOL

Campeonato Nacional II Divisão (Zona Sul)

Olvais, 5 — Portimonense, 2
Almada, 0 — Olhanense, 1
Farense, 7 — União Sport, 1

EXACTAMENTE como tínhamos previsto num dos números transactos, cada vez mais se acentua que não errámos ao classificar a Zona Norte do País superior em valor às equipas do Sul, pelo menos nesta época, em que os nortenhos denunciam mais regularidade nos seus encontros, em contraste flagrante com os do Sul, nos quais se torna difícil qualquer vaticínio e, por conseguinte, dar a esta ou àquela equipa o favoritismo.

Apenas o Farense e o Coruchense, conforme afirmámos, se mostram mais regulares e sérios candidatos à passagem à fase final, juntamente com o Olhanense, embora este não esteja de molde a ser classificado como candidato, pelo menos no presente momento... mas tal desnível de valor existe entre as restantes equipas, que o consideramos, a par do Farense e Coruchense, um provável candidato...

Mais uma jornada, a 8.ª, se realizou num ambiente de verdadeiro entusiasmo e expectativa, crónicos entre as equipas do Sul.

Destá vez, o Algarve não saiu diminuído perante as restantes regiões, pois ape-

nas a simpática agremiação de Portimão se deixou bater, visto que o Olhanense e o Farense arrancaram vitórias surpreendentes.

No campo dos Olivais, o Portimonense voltou a perder.

Esperava-se, na verdade, uma vitória dos olivalenses, mas o resultado final foi, na verdade, muito expressivo.

Cuidado, portimonenses, pois estão a braços com a 3.ª Divisão!

De salientar a proeza do Olhanense, ao conquistar, pela 1.ª vez nesta época uma vitória em campo alheio. Ganhar em Almada é um feito e, por conseguinte, o resultado alcançado pelos jovens olhanenses merece destaque. Que continuem, são os nossos melhores desejos.

Esta vitória poderá significar o regresso da equipa ao seu verdadeiro lugar a menos que...

De registar também a goleada do desafio realizado em São Luís (Faro), entre a turma local e o União Sport.

Ganhar por 7-1 é, na verdade, expressão de valor. Parabéns, pois, a Quaresma e aos seus pupilos!

HOJE, EM OLHÃO

(Derby Olhanense - Farense)

O Estádio Padinha será hoje cenário do entusiasmo dos públicos de Olhão e Faro, que acorrerão em massa, sem dúvida, para assistir à exibição das suas equipas representativas.

Que o jogo seja disputado num ambiente de camaradagem, próprio de comprouvianos, são, por agora, os nossos desejos, ao mesmo tempo que a vitória caiba ao que melhor se exhibir.

Sobre este encontro, o jogo n.º 1 do Algarve, daremos no próximo número alguns comentários.

Herculano Valente

NOVO ALARME SOBRE SAGRES

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

mico para o grande público por meio da dita publicação, necessário se torna, no entanto — e até para o efeito útil que se deseja obter quanto à conservação e reparação das ditas construções em risco de desaparecerem, — versar, para o grande público de agora, o mesmo tema alarmante.

Com efeito, declaradamente, a finalidade do sr. Cortez com a sua comunicação, intitulada *Paços do Infante no Sacro Promontório?*, fora o evitar, com suficiente antecedência, que, por virtude das obras necessitadas pelo desafio para valorização estética do monumento em projecto, se fizessem em Sagres, estouvadamente, demolições no grupo das velhas construções semi-arruinadas que ainda lá se encontram.

De par com este excelente intuito, concede porém o sr. Cortez que algumas demolições sejam admissíveis, — simplesmente, após o devido estudo e com o máximo cuidado. Ora esta concessão é que se me afigura altamente perigosa e devendo, pois, ser recusada *in limine*. Não, não e não! Deste *bairro velho* (chamemo-lhe assim), que atravessada a cortina da fortaleza, encontramos ainda actualmente, nada há a demolir, salvo... o que tiver de ser reparado e reconstruído. O *bairro novo*, lá longe, sobre o vasto promontório onde o monumento assentará, não implica por forma alguma que se toque neste. Este princípio é que é preciso estabelecer por forma decisiva!

Publicou o sr. Cortez o dito desenho do tempo do Drake, que, de passagem por Londres, teve a curiosidade de examinar no British Museum, como nos diz. Pois eu, estando cá, tive outra curiosidade: a de estudar, comparativamente com o que está figurado nesse precioso desenho, que reproduzi, aquilo que se encontra ali em Sagres; e desse estudo, minucioso, (que não me consta ninguém ter feito antes) resultou a comunicação sobre *O Palácio do Infante D. Henrique em Sagres*, que em 1950, em Lisboa, apresentei ao XII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, e se acha publicado no tomo VIII das respectivas actas, (de pag. 275 a 287), ilustrado com uma série de fotografias pela primeira vez reveladas e contendo novidades que bastante me surpreenderam, entre elas, a existência de uma cisterna antiga dentro do torreão ameado extremo-oriental do desenho do Museu Britânico, cisterna certamente do tempo do Infante, pois o seu gargalo tem vincos profundos de cordas, denotando séculos! Não mostra, na sua comunicação, o sr. Cortez a mais mínima noção da existência desta e outras coisas que lá se encontram e que assim impossibilitam, em absoluto, que se lhes toque...

À objecção que derivasse da necessidade de se abrir uma larga comunicação, da fortaleza para a vasta área do Promontório onde o monumento se erguerá, responderei eu que essa linha de construções que barraria o caminho não é, por fortuna, contínua, mas na realidade dividida já em dois troços, separados quase a meio por um corredor de quase dois metros de largura, na direcção

BAILE

No Salão de Festas do Lusitano F. Clube, terá lugar hoje, pelas 21 horas, uma «soirée» dançante para a abertura da época, que promete ser bastante animada.

Abrilhanta esta «soirée» o simpático conjunto vilarrealense «ARCO-IRIS».

ILUMINAÇÃO

A lâmpada alemã MERKUR, é a que dá luz mais clara, mais suave, menor consumo, e... não é mais cara.

A VENDA NA
Agência Comercial e Marítima do Sul
Avenida da República, 65
— Telefone 76 —
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

norte-sul, corredor esse que se vê nitidamente numa das fotografias referidas e que, quando muito, precisaria de ser um pouco alargado, para dar passagem a toda a espécie de veículos. Esse alargamento deveria fazer-se, porém, mediante a indispensável amputação no topo ocidental, pois no orientado não há que tocar, estando aí uma construção abobadada especial que já o comandante Possolo há um século salientara e que parece ter servido de capela à casa apalacada do centro, tendo portanto todo o direito (as coisas também têm direitos e não só as pessoas...) a ser respeitada por todos os arquitectos do... Universo!

Outra causa, — a do extremo ocidental, junto à igreja manuelina, — aquela a que a tradição ficou de ter sido *O Palácio do Infante*, na qual teria morado os três últimos meses da sua vida e falecido, — como ter o arrojo de a demolir?, e tanto mais quanto do meu referido estudo resultaria a maior probabilidade dessa tradição.

Se o trabalho do sr. Cortez suscitou da minha parte estas considerações, por assim dizer, de ordem prática, outras mais graves, porém, de ordem, por assim dizer, teórica, emanam das ideias do sr. Cortez quanto ao Infante em relação com o Promontório.

Sem rodeios, direi que o sr. Cortez não faz mais do que reeditar (todavia, não lhe referindo a origem), a fantástica hipótese absurda, já enterrada e reduzida a... *chimera bombinante in vacuo*, que o erudito dr. Jordão de Freitas, meu saudoso amigo, inventara *ad hoc* e expôs com toda a propriedade no seu trabalho sobre *A Vila e a Fortaleza de Sagres nos séculos XV a XVIII*: a da existência de duas vilas, edificadas pelo Infante na área do Promontório Sacro; uma, a *Vila do Infante* sobre o cabo chamado nos documentos *Terçanabal*, que seria em S. Vicente; e a outra, a *vila de Vila do Infante*, em Sagres, esta, sobre a actual ponta de Sagres onde o monumento se elevará agora.

Ora, com o bom-humor que me caracteriza, permiti-me eu indicar ao erudito arquitecto sr. Cortez, para a cura desta *dualidade jordânica* de que padece, o remédio que, com grande surpresa minha, vi outro dia, por acaso, recomendado a *tutti quanti*, num livro brasileiro sobre *Amerigo Vespucci e as suas viagens*, do conceituado professor T. O. Marcondes de Sousa, (a pag. 145): a leitura em que a *Seara Nova* editou a comunicação sobre *Terçanabal e a Escola de Sagres* que em 4 de Outubro de 1944, eu pessoalmente apresentara em Córdova ao Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências!...

O grande Miguel Angelo, que não era nada brando, mas que estava desiludido com o ambiente da sua época, fez dizer, como se sabe, a sublime figura pensativa da sua *Noite*:

Grato m'è il sonno, e più l'esser di sasso
mentre che il danno e la vergogna dural
Non veder, non sentir m'è gran ventura...

Ora, na infinita placidez habitual do meu *insulamento* olhanense, perante casos como este do erudito sr. arquitecto Cortez, tenho por vezes momentos... como aquele em que o lendário dr. Fausto se encontrara, — explodindo na ladainha de maldições que o olímpico Goethe, com a sua forte linguagem, faz começar pela do «alto conceito em que o Espírito se tem a si próprio», e rematar por esta maneira formidável:

Maldita a fé, maldita a esperança,
e maldita sobretudo a paciência!...

Olhão, 17 de Outubro de 1956.

Francisco Fernandes Lopes

P. S. — Não seria esta, porventura, a melhor oportunidade para a Casa do Algarve promover uma grande romagem a Sagres, com as trombetas da Imprensa, para se tomar bem consciência de tudo aquilo que lá está em risco de ser vítima do vandalismo... de cima?

Já me ofereci para *cicerone*, e mantenho o oferecimento.

F. L.

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia!

A T E N Ç Ã O

A Papolaria e Livraria «ARTYS», avisa os Ex.ºº Pais e Encarregados de Educação de que, além de ter todo o material necessário aos estudantes, facilita-lhes a sua aquisição, com a abertura de uma conta corrente. TODOS A «ARTYS» — Rua de Santo António, n.º 92 (frente ao Café BRASILEIRA — F A R O)

Pelo Dr. ORUZ MALPIQUE

HOMEM, POLÍPEI-
RO DE HOMENS

S. Paulo fala dos dois homens que existem em cada um de nós. Por vezes, não são apenas dois — constituem legião. O homem uno, o homem à maneira mirandina, de um só parecer, de um só rosto, de uma só fé, é a excepção. Geralmente, cada um de nós é um polípeiro de homens, cada qual puxando para seu lado, e se não for uma vontade coordenadora neste mundo de dispersão, acabaremos por nos desconjuntar e pulverizar. O que nos dá vertebralidade e unidade é o querer. Toda a educação é fundamentalmente educação da vontade. Cultive-se a vontade, e todas as vitórias virão por si.

AUTORIDADE

O mais directo caminho para termos autoridade sobre os outros é que a tenhamos sobre nós próprios. O prestígio como chefe dos outros ganha-se na chefia de nós próprios, no autodomínio, no autocomando. A caridade bem compreendida — diz o outro — começa por nós próprios. Também a autoridade bem compreendida, por nós — e sobre nós — deve começar. O que não for isto é paisagem.

ETERNAMENTE MORTOS

ETERNAMENTE VIVOS

De certos homens se poderia dizer que são cometas cuja órbita se não pode calcular. Através da obra que deixam, exercem as mais variadas e profundas influências, continuando a percorrer mundo nas criações de todos aqueles que se formaram sob o seu signo. Quando os supúnhamos desaparecidos para sempre, continuam a estar, a pesar de eternamente mortos, eternamente vivos, revivendo naqueles cujo espírito eles fecundaram.

MÃOS DE MÃE

As mãos da mulher que acaricia o filho, que o segura pela mão quando ele é pequenino, dão a impressão de acariciar e guardar um tesouro. Mais: em relação ao filho recém-nascido tocam-no com a leveza de plumas, cobrem-no como se fossem asas, apoiam-no como se fossem de ferro, na segurança, e de veludo, no contacto.

MÃOS E OLHOS NO RETRATO

As mãos interpretam mistérios da alma. Com a fisionomia, constituem o mais nítido espelho do nosso mundo interior. A geografia das nossas emoções e sentimentos pode ler-se no rosto e nas mãos. Os grandes pintores bem o sabem. E daí a verdade com que representam mãos e fisionomia. Nessa verdadeira representação vai todo o retrato psíquico. O mais é paisagem.

NOSSA SENHORA DA ROTINA

A atitude conservadora, em política, em religião, em arte, no chinele de ouro, é essencialmente misonicista. O statu quo é o seu programa, o seu tema e a sua... teima. Ideias novas, nem... pintadas. Constituem elementos de subversão, rombos na barca da rotina consagrada — religiosamente consagrada. Tudo o que está está bem — só porque tem a seu favor a tradição, palavra supersticiosamente respeitada. Tudo o que chega — só porque chega — está mal; traz perturbação ao charco donde os batráquios deitam as cabeças de fora, e essa é a imperdoável heresia.

DOATIVOS DA "CÁRITAS"

Têm estado a ser distribuídos a famílias necessitadas desta freguesia, por intermédio da "Cáritas Portuguesa", diversos géneros alimentícios, tais como feijão, manteiga, etc., enviados pela organização congénere dos E. U. A. Há cerca dum mês, foi suspenso o fornecimento do lanche diário às crianças desta vila, a cargo da mesma beneficente instituição católica, esperando-se que possa recomeçar brevemente, depois de removidas algumas dificuldades.

ACÇÕES

De A ELECTRO FABRIL
COMPRA:
Manuel dos Santos
APARTADO 13
FARO

Noticias do Algarve

SEMAMARIO REGIONALISTA

L E T E R A T U R A

SECÇÃO DE LITERATURA E CRÍTICA
Orientada por N. RODRIGUES PENA

Vamos ler estes escritores

FERREIRA DE CASTRO

NEM sempre se torna fácil descobrir na obra do escritor a sua própria vida, os resultados da sua experiência, a identificação do pensamento com a existência. Graciliano Ramos, numa passagem das suas *Memórias*, anota este facto e espanta-se de que um homem como Lins do Rego, colocado numa posição social superior aos personagens dos seus romances, soubesse dar tanta veracidade e exactidão à descrição de pessoas que bem podem considerar-se seus antipodas nos quadros da sociedade. Em Ferreira de Castro, pelo contrário, é bem visível a identidade e aproximação da sua vida e aspirações com as existências humanas que correm nos seus romances. *«Emigrantes»*, *«A Selva»*, *«Eternidade»*, podem bem considerar-se marcos bem definidos da própria vida do seu autor. Por isso, a obra de Ferreira de Castro é, em grande parte, resultado duma experiência pessoal e directa com a vida, a crónica de existências de quem o autor compartilhou as dores e os anseios, e participou, não apenas duma maneira afectiva, mas, na verdade os acompanhou no mesmo drama.

Assim, a sua obra é de «experiência feita» e traz a autenticidade dos grandes documentos humanos. Ora, tudo isto que, pelo nosso lado, reputamos de virtudes, em certos críticos muito zelosos de não sei que ilusões em literatura, passam a ser defeitos. Como se a arte não fosse construída do circunstancial, do quotidiano, do actual, dos episódios do dia-a-dia, embora integrados num conjunto de coisas, seja: numa época que os explica. A arte é vida, vida deformada por um temperamento, sim; mas obedecendo a uma selecção de factos e tipos, ligados por laços e acções inteligíveis e coerentes.

Ora, uma obra que tem por maior preocupação o homem, o destino do homem, e chega até nós saturado de humanidade, não pode, de maneira alguma, pactuar com uma temática que encontra a sua suprema delícia em fornecer-nos assuntos ociosos. Este é o caso do escritor Ferreira de Castro, um homem mergulhado nos problemas do nosso tempo. E hoje afigura-se-nos que a única medida para avaliar um artista e a sua arte é ainda o amor e compreensão que manifesta pelos outros homens.

Não sei se repararam na profusão de escolas artísticas e literárias que têm proliferado no nosso tempo. Futuristas, modernistas, surrealistas, vão surgindo sem grande proveito para o mundo e morrendo sem almejar grande glória. Ferreira de Castro nunca se filiou a qualquer escola, pelo menos, nunca chefiou nenhuma, facto singularmente honroso num país onde, até mesmo os peticetes costumam investir-se das prerogativas de chefes. Surgindo numa época em que a nossa literatura mergulhava no romance psicológico e escritores de formação académica procuravam repisar as angústias da classe social donde tinham saído, Ferreira de Castro, com *«Emigrantes»*, desde até ao povo, dá-nos o drama do homem que nasce e não dispõe de riqueza acumulada pelos seus maiores e fica a mais no mundo, o inferno dos que, acalentados por ilusões, buscam noutras latitudes um pouco mais de pão e um futuro melhor. Desmentia-se, mais uma vez, a crença absurda de que os seres simples e considerados inferiores não podem constituir matéria para a literatura, desmentia-se o que já estava demonstrado por um Emílio Zola e um Máximo Gorki. Ferreira de Castro passaria assim,

servindo-nos das suas próprias palavras, a ser o biógrafo das personagens que dir-se-ia não terem lugar no mundo.

«Emigrantes», *«A Selva»*, *«Terra Fria»*, *«A Lã e a Neve»*, constituem significativos quadros onde se agita o povo, as suas angústias e sofrimentos e a ansia duma felicidade que se lhe tem recusado, mas de que o povo não abdica. Embora o estilo das primeiras obras de Ferreira de Castro se ressentisse de certas deficiências do seu autodidactismo, a força de vida que impregna as suas páginas manifestava já uma verdadeira e real vocação de romancista. A humanidade de todas as suas personagens, a veracidade das situações e, principalmente, o sopro de vida que anima os homens, as coisas, as próprias paisagens, a vida que transborda caudalosamente das páginas dos seus livros, a simpatia e compreensão humana de que reveste cada uma das personagens, testemunham em Ferreira de Castro um dos escritores mais humanos do nosso tempo e da literatura universal. As próprias figuras que desempenham papel asqueroso são como que desculpadas pelo autor, graças a uma larga compreensão do autor pelo drama humano; ou melhor, explicadas pelas situações sociais que ocupam e surgem aos nossos olhos tão merecedoras de piedade como as próprias vítimas.

Juca, o Juca da *Selva*, a tantos títulos uma personagem detestável, nunca perde totalmente as características humanas. No fundo, todos, senhores ou vassallos, somos joguetes cegos dum destino que ainda não conseguimos dominar. Esta é a lição de humanidade que nos dá Ferreira de Castro, esta a grande lição de generosidade que traz implícito um convite a todos os homens para ponstruirmos uma que não degrade e avilte a nossa condição humana.

«Curva da Estrada», *«Misa»*, ainda se enquadram neste largo panorama da nossa época — espelho dum mundo que assombra a mensagem duma esperança.

Vivendo numa época de transição, como é hábito dizer-se, a obra de Ferreira de Castro é bem um testemunho da passagem duma vida que nos confrange a uma vida superior.

ANTOLOGIA CRÍTICA

A ARTE, para ser autêntica e legítima, para ter um lugar nas actividades da sociedade, não deve ser considerada como um passatempo agradável, um refúgio de ociosos e dos débeis contra os males da vida. É um meio de conhecimento, uma forma de análise. Mas todo o conhecimento e toda a análise, para serem válidos, devem conduzir-nos a outros conhecimentos, a novas descobertas. Assim, a arte é uma forma de acção e uma força de vida. A lei da vida é o movimento. Antes de Valéry, já se tinha dito que as civilizações são mortais e se encontraram na observação da natureza e da história as leis do seu crescimento e morte. Estas leis derivam da verificação fundamental que todos os factos da natureza, e também os homens e as sociedades, são, por sua vez, positivos e negativos, que têm um passado e um futuro, elementos que nascem e que o desenvolvimento da vida não passa do desenvolvimento da luta entre estes elementos contrários. A vida prevalece sobre a morte da mesma forma que os elementos positivos vencem os elementos negativos, as forças do futuro sobre a aquisição do passado e que as células que nascem abrem campo livre à sua juventude pela eliminação das células que morrem. Isto, que é verdade para os homens, também o é para as sociedades; mas nenhuma transformação se realiza sem luta.

A arte não ilude essas

DIA DE TODOS OS SANTOS

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

todos somos feitos, há variantes que podem modificar o agir espontâneo para que o nosso espírito sente, muitas vezes, uma vontade imperiosa. Conseguir dominar, fazer subir mais alto, com uma força de vontade indomável, tem o seu quê de dramático, mas também de satisfatório.

Pode-se aplicar este caso àquela rapariga que existiu na realidade, simples, modesta e pobre.

Um dia, invejou as ricas,

leis. E', ao mesmo tempo, um facto social e individual. Mas possui o privilégio, entre todos os acontecimentos humanos, de ser o único durável, o único que fala a todos os homens a linguagem de todos os tempos, o único que traz as civilizações vivas o testemunho das civilizações mortas.

E' reflectindo na natureza e no destino da arte que os artistas aprendem o seu dever. Qualquer que seja o modo de expressão que o nosso temperamento e cultura nos imponha, escritores, pintores, músicos, o nosso dever é sempre o mesmo. Não nos podemos prender a uma determinada aquisição da sensibilidade e consciência. Devemos sempre progredir, enriquecer a nossa cultura, dar-nos inteiros ao nosso dever. Devemos exprimir o que nós somos, segundo o que nós podemos ser. As nossas aquisições, o saber, a cultura, a técnica, não são senão os meios momentâneos, contemporâneos, da nossa expressão, a sua linguagem para o espaço e para o tempo. E esta linguagem seguirá universalidade e permanência na medida em que se ligue aos elementos positivos e progressivos da nossa época, na medida em que contribua para o desenvolvimento do que nasce e não para a conservação do que morre.

Joseph Billiet — Pouvoir de L'Homme

as que tinham peles, carro e dinheiro com abundância. Para ela, essas eram felizes. Pensou, pensou e resolveu também ser rica...

E foi. Casou com um velho, quase paralítico, mas endinheirado.

Ela teve peles, carro, dinheiro, à vontade, e assim era feliz, tal qual ambicionara.

E como para muita gente o dinheiro é tudo, até entrou na chamada alta roda...

Confirma-se assim que querer é poder!

Desfiando mais casos e relembrando cenas conhecidas, mentalmente, faço ligação com essa força de vontade de que falei, mas que não serve para muitos.

Dia de Todos os Santos!

Nesse dia festivo, o que de especial deve haver para justificar tanta azáfama, aquele vaivém constante pelas ruas da cidade?

Mas se alguém quiser perguntar, por não saber, basta somente profundar um pouco por que apareceram tantas flores?!

Que paridade haverá entre as flores e os santos, neste dia santificado pela Igreja, símbolo eterno dos passos de Cristo, contrabando o luxo, a soberba e a vaidade dessa gente orgulhosa e insensata?!

A melhor resposta é o silêncio, que é sempre o mais eloquente, nos momentos solenes da nossa contraditória existência...

Natércia Algarve

Um Cortejo de Oferendas

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

zará no dia 18 do próximo mês de Novembro.

Com este fim, constituiu-se uma Comissão composta pelos srs. drs. Reinaldo Raul Prazeres, José Gomes Cumbreira e António Manuel Capa Horta Correia, a qual, procurando corresponder o melhor possível ao espinhoso encargo que lhe foi atribuído, tem exercido uma actividade intensa, providenciando para que o projectado Cortejo traduza, o mais fielmente possível, os sentimentos de generosidade da gente da nossa terra, os quais, aliás, nunca deixaram de manifestar-se, nos momentos precisos, com a maior e a mais louvável compreensão dos seus deveres.

Assim tem acontecido sempre. E assim irá, certamente, acontecer.

No próximo número deste jornal, contamos poder dar aos nossos leitores esclarecimentos pormenorizados sobre este acontecimento, que, como não pode deixar de ser, se reveste do maior interesse para todos os vilarrealeses.

MELHORAMENTOS LOCAIS

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

dos e prevê-se a construção de duas placas arrelvadas, de ambos os lados do pórtico, devendo o Parque de viaturas ficar situado no talhão Sul.

Após a terminação dos trabalhos, o trânsito de veículos deixará de fazer-se pelo prolongamento da Rua Vasco da Gama, como actualmente sucede, estabelecendo-se então a entrada no Parque pelo prolongamento da Rua dr. Manuel de Arriaga, e saída do mesmo pela Rua Fabril.

OBRAS DE PAVIMENTAÇÃO E ESGOTOS

NA VILA

Consta-nos que vão começar brevemente os trabalhos de pavimentação da zona Sul da vila, bem como a respectiva rede de esgotos, obra levada a efeito pelo Município, com a comparticipação do Estado, pelo Fundo de Desemprego. Esta empreitada foi adjudicada à Firma «TRABEL» (Trabalhos de Engenharia, Lda.), de Lisboa, pela importância de 959 contos, contando-se que esteja pronta dentro de cerca dum ano.

O ESCRITOR E A VIDA

AOS jovens artistas, a todos os que pretendem enveredar por esta difícil e nobre actividade, aconselhamos que, em vez de se precipitarem a dar corpo e forma ao seu pensamento, devam antes procurar viver. Porque, quanto a nós, o maior defeito do escritor português é não viver directamente os problemas, é não participar na vida quotidiana, é permanecer longe e afastado das contendas humanas, é esquecerem que um escritor ao propor-se narrar, contar, ensinar, tem de necessariamente viver, aprender, estudar. Não há nada pior para um escritor do que uma vida rotineira, uma vida que acaba por lhe adormecer os nervos e entorpecer a sensibilidade. Por isso, nós acreditamos que a tarefa essencial de todos os que se sentem e julgam com forças ou qualidades para ensinar e orientar os outros homens devem começar por viver. Só vivendo os problemas se aprende; só sentindo na nossa carne e no nosso sangue o impulso ou o aguilhão da existência é que se está preparado para criar obras que mereçam a atenção dos outros homens. Há escritores que se limitam a repisar as ideias dos outros, escritores que se abandonam a uma tarefa extenuante de lerem milhares de obras, homens de gabinete, que supõem que à sua missão de escritores lhes basta o convívio dos grandes pensadores e, tendo o cuidado prévio de trancarem as portas à vida, confiam cegamente que estão a trilhar o caminho que os conduz ao êxito. Engano, ludíbrio, falência total — este é o resultado inevitável de quem não

criou uma verdadeira personalidade, de quem se satisfaz em colher em seara alheia, sem que tivesse contribuído para fecundar a terra. Escrever com tinta não basta, é necessário que o pensamento seja temperado com nervos e o próprio sangue, que tudo o que se escreva defina um verdadeiro temperamento e tenha sabor ao vivido, ao sofrido. Não devemos desprezar a herança dos grandes escritores, mas não devemos assumir uma atitude de pura idolatria; procurar-lhes o convívio, sim, mas com o superior intuito de lhes não decorar a lição. O estudo pelo estudo é esterilizante e o convívio com os livros só se torna útil quando se prende às raízes da vida. Por isso, aos próprios livros, à mera e insatisfeita curiosidade dos livros, à tirania dos textos, nós opomos o laboratório da vida, a realidade dos nossos dias, em todas as suas nuances e complexidade.

Há os que por sistema se opõem à vida, seja porque a vida os desiludia, seja ainda porque na vida encontram a negação dos seus sonhos e das suas crenças, do anacronismo da sua própria concepção da vida; mas também há os outros, os que, não tendo razões nenhuma para se oporem aos caminhos da vida, se vêem presos à rotina duma existência medíocre; às solicitações inexoráveis duma profissão que lhes não permite abranger os amplos quadros, contactarem com as diferentes camadas da população que formam a nossa sociedade. Mas, cada um no seu meio, desde que a compreensão não lhe falte, e a sensibilidade se não deixe es-

tiolar por uma vida de rotina, poderá fazer alguma coisa de útil e proveitoso. Desde que se compreenda a hora que nos é dado viver, em qualquer parte onde o homem se encontre poderá achar material de observação e estudo. E que se não esqueça que o material que o escritor tem de modelar é a alma humana, um dos materiais mais difíceis de dominar e que exige, além das faculdades de análise e observação, a completa adesão ao destino humano. *«Engenheiros de almas»*, já se lhes chamou aos escritores, com propriedade e exactidão.

Bernard Shaw, numa das suas personagens de *«Major Bárbara»*, o magnate Undershaft precitua a um candidato do belo na arte da antiguidade que devia: *«acquire money enough for a decent life, and power enough to be your own master»*, coisas que, de certo modo, não se devem desprezar na nossa sociedade, embora o dinheiro e o poder constituam poderosos elementos de destruição das melhores intenções e dos mais belos sonhos de tantos artistas, nós aconselhamos que todo o candidato à arte e à literatura deve começar por viver. Primeiro, antes de mais nada, viver, devotar-se, com denodo e entusiasmo, a observar a vida e participar na vida; depois, só depois, escrever e filosofar.

Visado pela Comissão de Censura

O «Noticias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

CASAS

Vendem-se duas moradias de casas, na Rua Pinheiro Chagas. Informa-se na Fábrica Ramirez & C.ª, Lda., Rua dr. Miguel Bombarda-Vila Real de Santo António.